

A Bandeira Escondida

Tapete Voador

Arsénio Mota

ilustrações coligidas por
Fernando Lanhas

bibRIA



CAMPO DAS LETRAS
D

A Bandeira Escondida



bibRIA

Algumas obras do autor:

- Som de Origem - Arte d'escrita*, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
A Última Aposta, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.
Júlio Resende - A Arte Como/Vida, Liv^a Civilização, Porto, 1989
(org. e co-autor).
Letras Bairradinas - Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.
Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Liv^a Figueirinhas, Porto, 1993.
O Museu no Sótão, crónicas, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1993.
António de Cértima - Vida, Obra, Inéditos, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1994.

Contos para crianças:

- Os Segredos do Subterrâneo*, Prémio Internacional da Juventude, Editorial Caminho, Lisboa, 1986; 2^a ed., 1995.
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Liv^a Figueirinhas, Porto, 1986.
A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições Asa, Porto, 1987; 2^a ed., 1994.
A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988.
Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989.
A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições Asa, Porto, 1989; 2^a ed. 1993.

bibRIA

Título: A Bandeira Escondida
Autor: Arsénio Mota
Ilustrações: Fernando Lamas
Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S.A. – Porto, 1998
Rua D. Manuel II, 33, 5.º 4050 Porto
© Arsénio Mota
1ª edição - Novembro de 1998
Impressão: Papelmunde, SMG, Lda.

Depósito legal N.º 130011/98
ISBN 972-610-029-1
Código de barras: 9789726100294

Colecção: Tapete Voador - 3

A Bandeira Escondida

Arsénio Mota

Ilustrações coligidas por
Fernando Lanhas

bibRIA





*Ninguém vive sem esperança e não há
esperança sem crença em alguma coisa.
Viver, portanto, é acreditar. Acreditar,
pelo menos, no futuro imediato.*

*Cada pessoa que vive, e espera, e crê,
faz disso uma bandeira — a sua bandeira.
E porque cada pessoa é diferente
da próxima, as bandeiras-pessoas
do mundo têm todas as cores do arco-íris
e, além dessas, outras cores apenas
sonhadas, ainda não evidentes, que um
dia sairão à rua para flutuarem no vento.*



*Ninguém vive sem esperança e não há
esperança sem crença em alguma coisa.
Viver, portanto, é acreditar. Acreditar,
pelo menos, no futuro imediato.*

*Cada pessoa que vive, e espera, e crê,
faz disso uma bandeira — a sua bandeira.
E porque cada pessoa é diferente
da próxima, as bandeiras-pessoas
do mundo têm todas as cores do arco-íris
e, além dessas, outras cores apenas
sonhadas, ainda não evidentes, que um
dia sairão à rua para flutuarem no vento.*

bibRIA

Naquela noite o Luís adormeceu muito tarde. O que sucedeu ficou-lhe de tal maneira gravado na memória que, decorridos anos e anos, ainda se recordava com nitidez das emoções que os acontecimentos lhe causaram.

Com o seu grande amor pela leitura, demorou-se na cama com um livro que o entusiasmava ao ponto de lhe varrer o sono da cabeça. Isto contra a vontade dos pais, que viam com muita satisfação os seus progressos mas que também não gostavam de o verem prejudicar a saúde. As horas de sono são indispensáveis. Tudo deve ser feito com peso, conta e medida — diziam eles. Há horas para o trabalho e para os divertimentos, para as refeições e para o sono, que devem ser respeitadas.

É claro, os pais do Luís aconselhavam-no desta maneira porque ele era de uma raça especial: quase podia dizer-se que só se sentia bem agarrado aos livros. Já conhecia de vários assuntos tanto como uma pessoa crescida, embora fosse, em idade, apenas um rapazinho. Quando tinha nas mãos uma boa leitura, não queria saber de mais nada até chegar ao fim.



Foi o que aconteceu daquela vez. Andava a ler «Um Americano na Corte do Rei Artur», romance de Mark Twain do qual seu pai lhe havia falado, e resolveu levá-lo em segredo para o quarto. Logo que sentiu os pais preparados para dormir, toca a acender o candeeiro — e pôs-se a ler regalado!...

Quanto tempo esteve assim? Não o sabia porque não tinha ali relógio para ver as horas. Devia ser tardíssimo, mas ainda lhe faltava ler uma boa dezena de páginas. De repente chamaram à porta. A casa estava silenciosa e a campainha, retinindo no silêncio, espalhou um som de alarme. Sucede assim quando nos chamam a altas horas da noite.

Luís apagou a luz e colocou o livro debaixo do travesseiro para que o pai, ao levantar-se, não o percebesse e lhe fizesse um sermão. Ouviu-o caminhar pelo corredor, atravessar a sala

de visitas e perguntar: «Quem é?» Depois abriu a porta, tornou a fechá-la e ficou a falar com dois homens. Tinham voz grave,

mas, porque falavam baixinho, Luís não conseguiu entender o que diziam.

Apenas compreendeu que falavam, como amigos, de uma bandeira — «a nossa bandeira» — pois repetiram muitas vezes estas palavras.

Passados momentos, calaram-se. Ouviu o pai abrir a arca que estava na sala de visitas e tornar a fechá-la. Os dois homens despediram-se, o pai tornou a abrir e a fechar a porta, apagou a luz, passou às escuras



pelo corredor, deteve-se um momento diante do quarto do filho, sem dúvida a pensar nele, e regressou ao seu quarto.

Luís tinha todos os sentidos despertos, o som de alarme ainda vibrava na casa. Alguma coisa extraordinária estava a suceder. Os mínimos sons ampliavam-se no silêncio nocturno, eram habituais e, ao mesmo tempo, pareciam estranhos, misteriosos.

A imaginação do Luís trabalhava. Que teria acontecido? Qual a razão daquela visita tão tardia, a meio da noite?



Ouviu o pai falar com a mãe, a mãe murmurar umas frases, e depois fez-se um completo silêncio. A tranquilidade voltou.

Talvez os dois agora já estivessem a dormir. Era o que o Luís, endiabrado como um peixe a saltar na rede, também devia fazer, mas, qual nada, o sono andava longe dele! Gostaria de saber tudo naquela mesma ocasião para adormecer calmamente, sem ter de esperar pela manhã...

A mãe entrou no quarto para o despertar. Descobriu uma ponta do livro a sair por debaixo do travesseiro mas apenas disse, sorrindo:

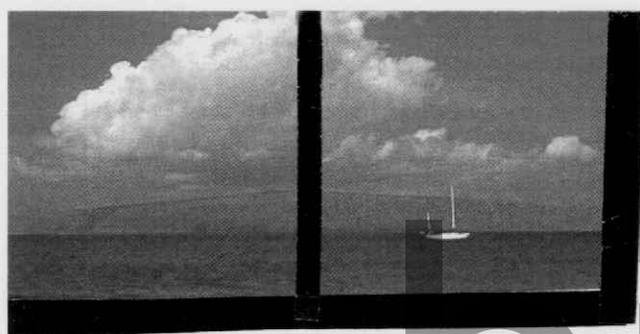
— Acorda, grande maroto! Eh! Não ouves? Acorda! E não me digas que tens a cabeça pesada de sono!...

Luís acordou e sentiu logo, de facto, uma grande sonolência. Tinha sonhado todo o tempo! Mas o aguilhão da curiosidade espevitou-o: quis fazer perguntas. Tarde demais! Ela já saía, apressada, do quarto para a cozinha. Resolveu esperar por outra altura. À mesa é que iria fazer as perguntas que o moíam.

Uma chapa de sol alegre entrava pela janela, batia no chão e espalhava-se pela mesa, onde as chávenas e o pão até pareciam sorrir para tudo. Cheiravam tão bem que pareciam dizer «bom-dia!»

Já bem disposto, o Luís soube esperar. Quando chegou a altura, meteu conversa:

— Ouvi esta noite duas pessoas virem falar com o pai. Já era muito tarde...



O pai parou de beber e mastigar, encarou-o com aquele seu modo atento e amigável, e respondeu:

— Ah, ouviste?

— Ouvi, sim. Estava acordado.

— Uns amigos vieram trazer uma coisa de muita estimação para eu guardar. Tua mãe também ouviu.

Os dois trocaram um olhar breve e puseram-se logo a falar de outro assunto. Só um tolo não via que estavam resolvidos a ficar por ali, sem mais...

O pai saiu para o trabalho e o Luís, em seguida, desandou para a escola.

Como foram longas aquelas horas!

Por fim, à tarde, o Luís voltou a casa. Tinha decidido, por sua conta e risco, procurar uma resposta para as suas perguntas.

Logo que apanhou a mãe distraída, foi à sala de visitas e abriu a arca. A tampa rangeu quando a encostou à parede — que susto! Ele sabia que estava a fazer uma coisa condenável: a intrometer-se em assunto que não lhe competia. Mas a sua curiosidade era maior.

Remexeu com cuidado nas roupas lá guardadas, suas conhecidas. O objecto de «muita estimação» devia estar metido ali em qualquer canto e o Luís queria vê-lo com os seus olhos.

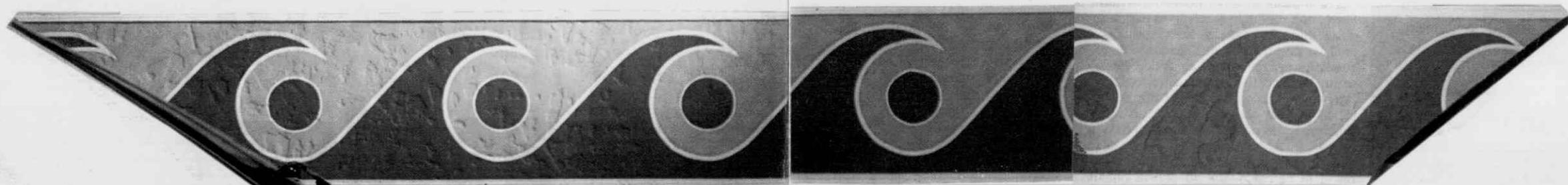
Enfim, vasculhando, descobriu algo de novo dentro de um cobertor felpudo.

Era um simples pano, na realidade uma bandeira. Desdobrou-a. Tão grande! E bonita, de cores vivas. Tinha um desenho no meio e letras bordadas por baixo, em arco.

Depois de a mirar e remirar muito bem, tornou a dobrá-la e a metê-la no mesmo sítio. Fechou a arca e foi, pensativo, meter-se no quarto.

Como as coisas são! Em vez de conseguir responder às suas perguntas, só as havia aumentado!

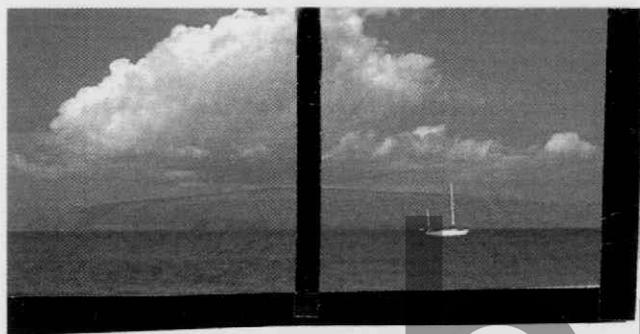
Porque tinham ido dois homens, a meio da noite, levar aquele pano a sua casa para ali o guardarem, e porque dizia seu pai que era de muita estimação? Que representa uma bandeira para os homens a guardarem,



Uma chapa de sol alegre entrava pela janela, batia no chão e espalhava-se pela mesa, onde as chávenas e o pão até pareciam sorrir para tudo. Cheiravam tão bem que pareciam dizer «bom-dia!»

Já bem disposto, o Luís soube esperar. Quando chegou a altura, meteu conversa:

— Ouvi esta noite duas pessoas virem falar com o pai. Já era muito tarde...



O pai parou de beber e mastigar, encarou-o com aquele seu modo atento e amigável, e respondeu:

— Ah, ouviste?

— Ouvi, sim. Estava acordado.

— Uns amigos vieram trazer uma coisa de muita estimação para eu guardar. Tua mãe também ouviu.

Os dois trocaram um olhar breve e puseram-se logo a falar de outro assunto. Só um tolo não via que estavam resolvidos a ficar por ali, sem mais...

O pai saiu para o trabalho e o Luís, em seguida, desandou para a escola.

Como foram longas aquelas horas!

Por fim, à tarde, o Luís voltou a casa. Tinha decidido, por sua conta e risco, procurar uma resposta para as suas perguntas.

Logo que apanhou a mãe distraída, foi à sala de visitas e abriu a arca. A tampa rangeu quando a encostou à parede — que susto! Ele sabia que estava a fazer uma coisa condenável: a intrometer-se em assunto que não lhe competia. Mas a sua curiosidade era maior.

Remexeu com cuidado nas roupas lá guardadas, suas conhecidas. O objecto de «muita estimação» devia estar metido ali em qualquer canto e o Luís queria vê-lo com os seus olhos.

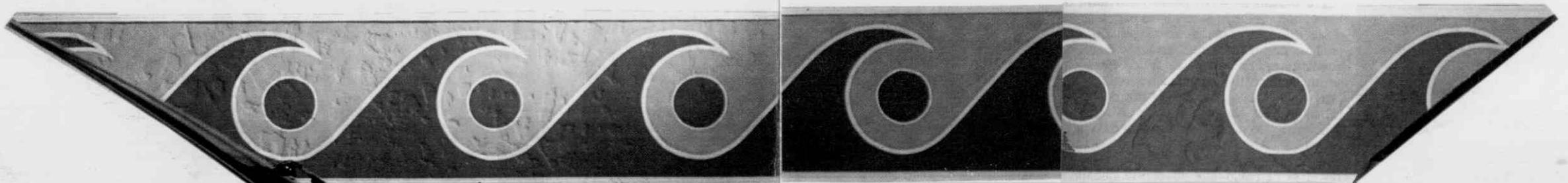
Enfim, vasculhando, descobriu algo de novo dentro de um cobertor felpudo.

Era um simples pano, na realidade uma bandeira. Desdobrou-a. Tão grande! E bonita, de cores vivas. Tinha um desenho no meio e letras bordadas por baixo, em arco.

Depois de a mirar e remirar muito bem, tornou a dobrá-la e a metê-la no mesmo sítio. Fechou a arca e foi, pensativo, meter-se no quarto.

Como as coisas são! Em vez de conseguir responder às suas perguntas, só as havia aumentado!

Porque tinham ido dois homens, a meio da noite, levar aquele pano a sua casa para ali o guardarem, e porque dizia seu pai que era de muita estimação? Que representa uma bandeira para os homens a guardarem,



escondida, na casa de um amigo de confiança, em vez de a levarem pelas ruas, de dia, ao som de música e de festa? Então as pessoas crescidas não podiam usar as bandeiras de que gostam? O que é realmente uma bandeira?

Tantas dúvidas!

Lembrou-se: um dia seu pai dissera à mãe, «sabes dos perigos»; e noutra altura, «os amigos estão em grandes dificuldades». Não pensara nisto, pensava agora, e quanto mais pensava, mais as dúvidas cresciam dentro dele. Sabia pouco do que se passava fora de sua casa e da escola. Mas já pressentia que as pessoas crescidas têm problemas e tristezas que os meninos de pouca idade, ainda que sejam espertos, não podiam compreender facilmente.

A verdade é que o pequeno Luís estava habituado a estas dificuldades. À medida que ia alargando os conhecimentos, apareciam sempre novas dúvidas a enredá-lo! Afinal, ter dúvidas a respeito de muitos assuntos era próprio até de pessoas inteligentes, mesmo as crescidas como o pai ou os professores. No entanto, se uma pessoa pensa e conversa com o desejo de aprender, acaba por perceber o que antes lhe parecia pouco claro. Precisamos é de avançar sempre, como um viajante que não pára na primeira encruzilhada como se o caminho acabasse ali,

quando na verdade, se formos a ver bem, qualquer caminho é infinito. Eis o que o pai lhe repetia.

Sentado na cama, o Luís meditou, meditou e acabou por resolver pedir ajuda. Estava habituado a confessar as suas dúvidas e a orientar-se por quem sabia.





Como de costume, após o jantar, o pai foi ler para o seu canto. Sem vontade de ler também, o Luís ficou, muito calado e quieto, a olhar para ele. Não tardou que o pai reparasse naquele silêncio. Desviou a vista do jornal:

— Estás hoje muito calado, Luís...

— Estou a pensar no que é uma bandeira, pai.

— Os teus livros dizem mais ou menos o que é. Não te lembras?

— Lembro, mas isso não é o suficiente para mim, agora.

— Olha, vê a palavra no dicionário!

Ele mesmo foi, a sorrir, tirar o livro da estante. Abriu-o, procurou a página e leu:

— Diz aqui que a bandeira é um pano de uma ou mais cores que se prende no alto de um pau para se desfraldar. Bandeira é o mesmo que estandarte e serve de distintivo a uma nação ou uma corporação.

O Luís ficou a pensar e acabou por dizer:

— Isso também não me tira as dúvidas. O que «é» uma bandeira já eu sei.

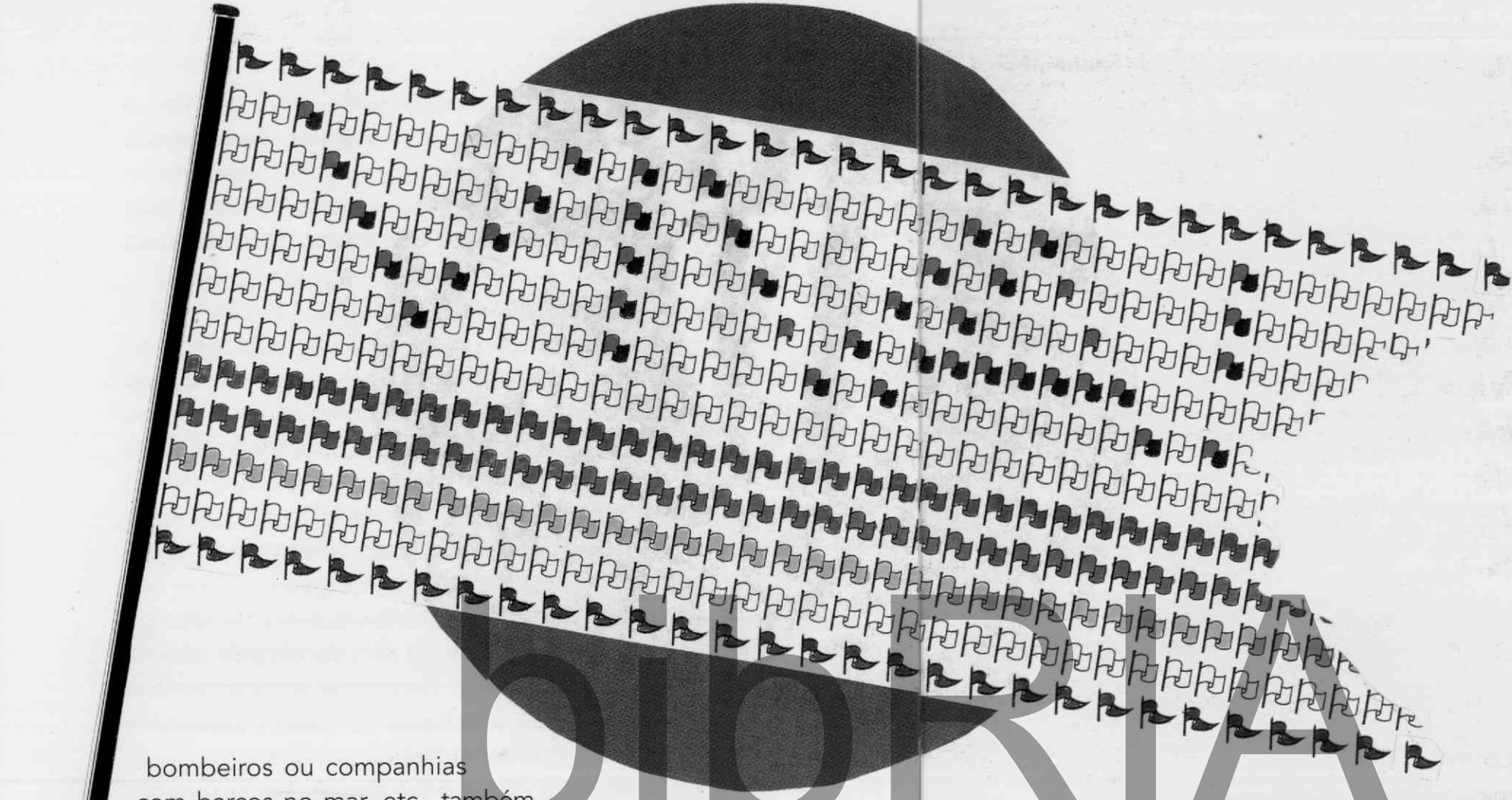
Aproximou-se para perguntar:

— Pai, o que eu queria saber era o significado desse pano...

Ao poisar o dicionário, ele percebeu o que estava a passar-se. Tinha de pôr a questão em pratos limpos para o filho. Para si mesmo, era tudo muito claro. Mas como haveria de lhe fazer entender a questão?

Começou a dizer:

— Meu filho, ouve. Uma bandeira é um símbolo que pode servir para representar várias coisas. Nós temos a bandeira nacional, criada há tempos, que bem conheces e respeitas. Simboliza o nosso país, mas há bandeiras que não são nacionais. Por exemplo, cada câmara municipal, cada clube desportivo, recreativo ou cultural, cada corporação de



bombeiros ou companhias com barcos no mar, etc., também as têm. No fim de contas, as bandeiras são distintivos, «marcas», para diferenciar sociedades de pessoas com interesses comuns.

— Então a bandeira nacional representa o país...

— Pois, como símbolo que é, representa a nação, com as suas montanhas, vales e planícies. Estendemos esse pano no chão, deitamo-nos nele e estamos sobre a terra pátria mesmo que estejamos no estrangeiro!

— Então, cada pessoa tem direito a escolher a sua bandeira...?

— Sim, a bandeira que mais lhe agrade...

— Nesse caso, porque é que...?

— Porque existe a intolerância, meu filho.

Fazia-se luz na cabeça do Luís. Começava a compreender o amor dos homens por certas bandeiras e

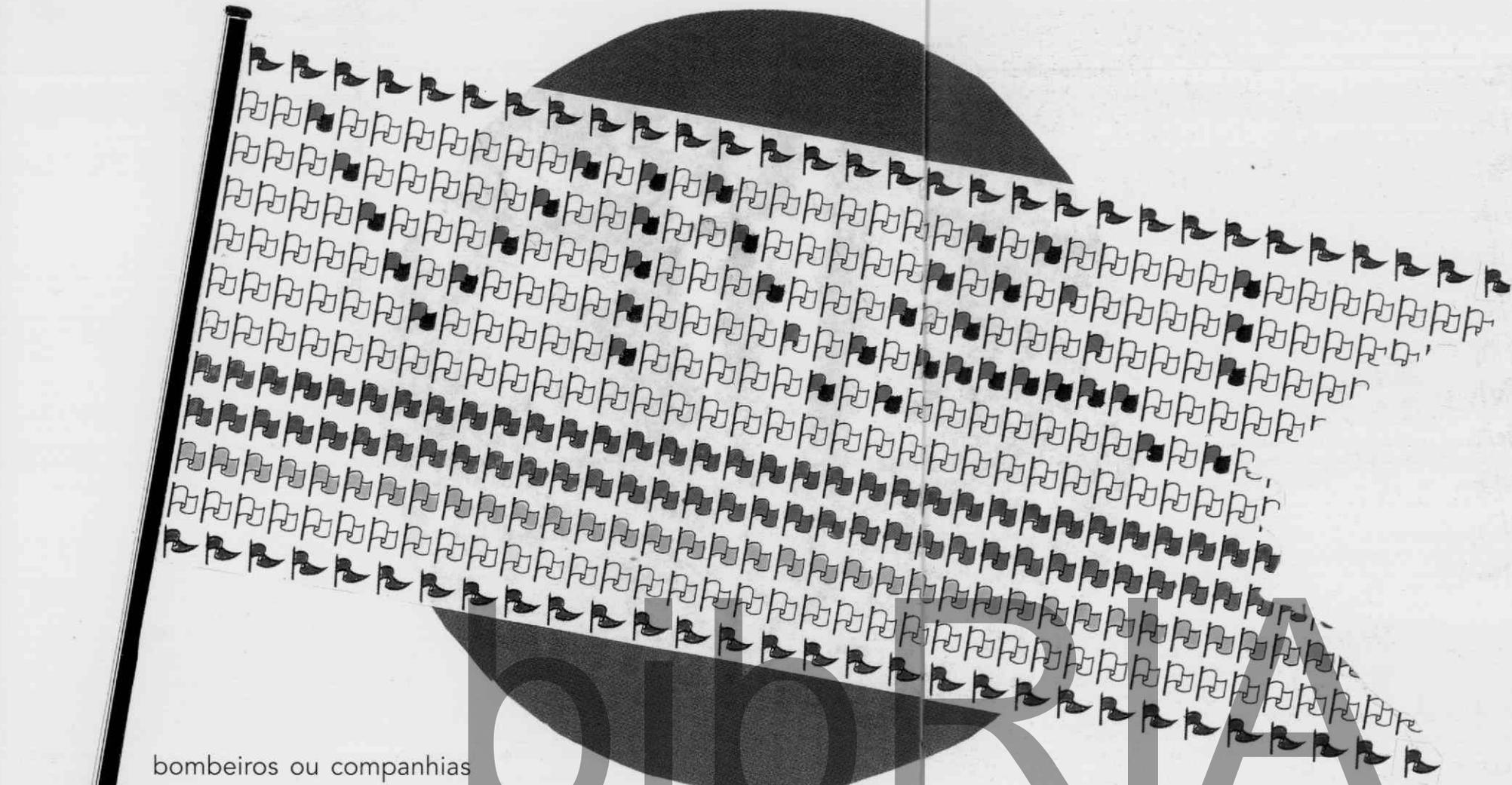
por que podia acontecer um conflito de bandeiras. Só faltava um pormenor:

— E nos outros países? Também é assim?

— Claro! Ora repara.

Abriu mais um livro e, numa gravura a cores, mostrou os símbolos nacionais de variados países: França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália... Tirou de cima da estante o globo terrestre, fê-lo rodar devagarinho, apontou outros países noutros continentes, e acrescentou:

— É assim, Luís. Dentro de cada uma destas fronteiras existe uma bandeira nacional, que é a imagem da pátria formada por gente como nós somos, ainda que tenha pele de cor negra ou amarela. Todos gostam da sua terra mas ninguém deve esquecer que, ao lado da bandeira pátria,



bombeiros ou companhias com barcos no mar, etc., também as têm. No fim de contas, as bandeiras são distintivos, «marcas», para diferenciar sociedades de pessoas com interesses comuns.

— Então a bandeira nacional representa o país...

— Pois, como símbolo que é, representa a nação, com as suas montanhas, vales e planícies. Estendemos esse pano no chão, deitamo-nos nele e estamos sobre a terra pátria mesmo que estejamos no estrangeiro!

— Então, cada pessoa tem direito a escolher a sua bandeira...?

— Sim, a bandeira que mais lhe agrade...

— Nesse caso, porque é que...?

— Porque existe a intolerância, meu filho.

Fazia-se luz na cabeça do Luís. Começava a compreender o amor dos homens por certas bandeiras e

por que podia acontecer um conflito de bandeiras. Só faltava um pormenor:

— E nos outros países? Também é assim?

— Claro! Ora repara.

Abriu mais um livro e, numa gravura a cores, mostrou os símbolos nacionais de variados países: França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália... Tirou de cima da estante o globo terrestre, fê-lo rodar devagarinho, apontou outros países noutros continentes, e acrescentou:

— É assim, Luís. Dentro de cada uma destas fronteiras existe uma bandeira nacional, que é a imagem da pátria formada por gente como nós somos, ainda que tenha pele de cor negra ou amarela. Todos gostam da sua terra mas ninguém deve esquecer que, ao lado da bandeira pátria,

outras existem não menos belas ou dignas de respeito... Talvez um dia estes tantos retalhos de pano possam juntar-se uns aos outros, por cima das fronteiras, e formar uma grande e única bandeira capaz de representar todos os povos do mundo!

O pai percebeu que devia continuar a conversa e de transformar em conto o que sabia.

— Bem, o melhor será contar-te uma pequena história acerca deste assunto. Mas antes quero que vejas uma pintura... Estás a fazer-me lembrar um quadro antigo que ficou célebre. — Abriu um outro livro e mostrou-lhe uma página a cores. — É a «Bandeira da Liberdade guiando o povo», de Delacroix... E pronto, agora senta-te aqui e ouve.



Há muitos, muitos anos, havia no mundo menos pessoas e menos bandeiras. A população não estava tão desenvolvida como hoje. As cidades eram um pouco maiores do que simples aldeolas e ninguém pensava que um dia pudesse haver automóveis, aviões,

satélites artificiais, telefones, televisores. E porque era pouca a gente, os grupos de pessoas não eram numerosos. Chamavam-se tribos esses grupos, que viviam de preferência junto dos rios para terem água perto.

Ora foi mais ou menos nessa época que começaram a usar-se distintivos para diferenciar umas tribos das outras. Já deves ter notado que nos filmes de *cowboys* os índios do Oeste americano viviam organizados em tribos e que usavam plumas e trajas diferentes. Ainda hoje há povos em África e noutros pontos do mundo que vivem em tribos. Às vezes guerreiam-se.

Uma tribo era uma família em ponto grande. Quer dizer, tinha os seus chefes e morava em terras que não eram de ninguém porque naquele tempo ainda não tinham dono. Muitos, muitos anos depois, algumas tribos começaram a juntar-se, formaram-se grandes cidades e as cidades começaram a defender-se das arremetidas dos inimigos construindo muralhas, fortins e castelos. Foram criados os exércitos e apareceram as primeiras bandeiras, as primeiras nações.

Portanto, pode dizer-se que as bandeiras nacionais são muito antigas. Com o significado que hoje têm, apareceram ligadas às nações e servem para as representar simbolicamente. A maior honra que um morto pode ter é ser sepultado, como um herói, envolvido na bandeira do seu país. Mas as bandeiras representam acima de tudo uma maneira de pensar, de governar ou de viver em sociedade...

Teria o Luís compreendido bem as explicações que o pai lhe deu?

De qualquer modo, sempre que podia, lá ia tirar a bandeira da arca para a contemplar longamente, como se estivesse a namorar um tesouro. Depois

dobrava-a outra vez com jeito e metia-a no mesmo sítio.

Andava tão contente que acabou por dizer o segredo a um amigo, o Mário, companheiro fixe da escola. Rebutava como um sapo se não desabafasse um dia com ele:

— Tenho uma bandeira grande, formidável, em minha casa! É um segredo, mas queres ir vê-la?

O Mário saltou de contente e lá foram.

Pelo caminho, o Luís exigiu:

— Mas tens que guardar segredo!

— Claro! Fica descansado.

Havia um pequeno quintal nas traseiras da casa. Era ali, numa casota de arrecadações rodeada de árvores de fruto, que o Luís brincava com os amigos. Para lá foram. E, logo que pôde, o Luís correu a tirar a bandeira do sítio onde o pai a escondia e levou-a para a casota.

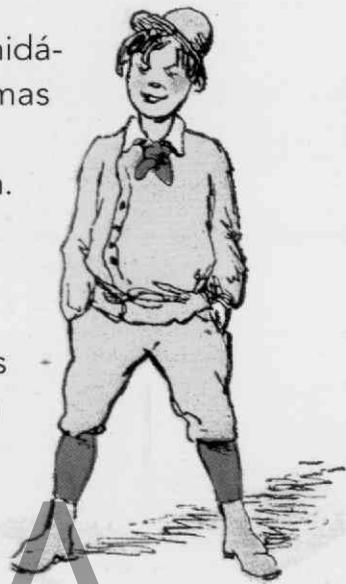
O Mário gostou dela, nunca vira coisa assim tão macia e bonita! E ficou a gostar ainda mais, logo que o Luís sabichão lhe contou aquela história das bandeiras.

Estendiam-na no chão e brincavam. A bandeira era a pátria dos dois e de todos os amigos. Um enrolava-se nela e gritava: «Sou a pátria!» Era uma alegria.

Por vezes descansavam e até adormeciam, enrolados no seu pano tão macio e bonito!...

E para não andar constantemente a levar e a trazer a bandeira de e para a arca, o Luís, sempre esperto, resolveu guardá-la na casota, metida num sítio limpo que nem os ratos conheciam.

E muitas foram as vezes, em muitos dias, que eles brincaram com o símbolo de uma alegria distante, desconhecida...

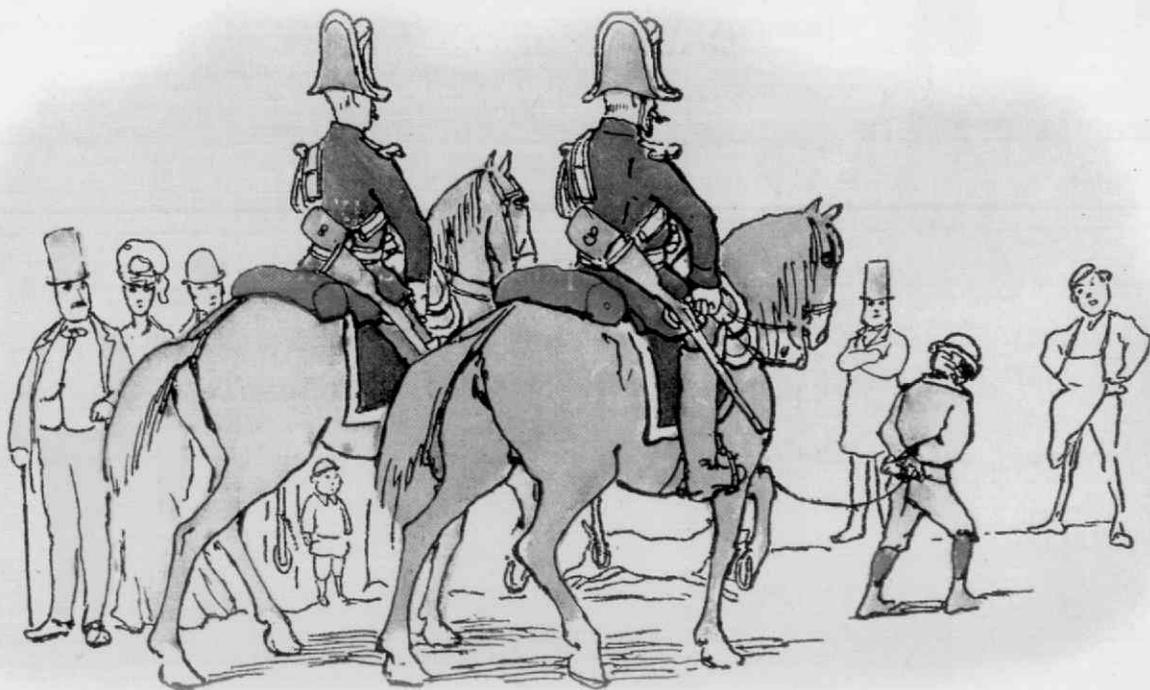


Uma noite a campainha da casa tornou a soar. Devia ser bastante tarde, pois todos dormiam a bom dormir. Porém, a campainha, desabrida, acordou toda a gente. O Luís, não soube porquê, ficou com a impressão de que ia acontecer uma desgraça. Talvez porque desta vez acordou estremunhado... Ou seria porque seu pai andava naqueles dias muito inquieto e triste?

Sentiu-o levantar-se e caminhar para a porta. Ouviu entrar umas pessoas e o barulho de conversas. Depois as luzes da casa foram-se acendendo uma a uma, o barulho espalhou-se por todos os lados. Sua mãe teve que se levantar e ele fez o mesmo. Pensou que talvez fossem os amigos do pai que viessem buscar a bandeira — e ela estava escondida naquele canto da casota do quintal! Mas tanto barulho e tanta confusão indicavam que os visitantes não falavam como amigos.

Estava ele de pé ao lado da cama quando sentiu o pai voltar ao quarto. O Luís foi então ver o que se passava na sala de visitas.

Viu três homens de aspecto duro, antipático, com cara de forasteiros, que interrogavam a mãe enquanto procuravam qualquer coisa por todos os lados. Não havia dúvida, andavam em busca da bandeira.



Luís estremeceu. Que mal fazia ela, ou podia fazer? Porque a queriam encontrar àquela hora?

Seu pai voltou, já vestido, pronto para sair. Agarrou numa mão da mãe e olhou-a nos olhos, comovido. Os homens remexiam tudo, desarrumavam tudo. Luís estava assustado. Quando os viu abrir a arca, correu para o pai e apertou-lhe a outra mão. Seu pai abriu muito os olhos, à espera de ver saltar a bandeira à vista daquela gente. A arca, porém, acabou por ficar vazia e, da bandeira, nem sinais!...

A princípio o pai não compreendeu, depois apertou na sua a mão do filho em sinal de agradecimento. E o Luís ficou contente como um general a sair vitorioso da guerra. Fitou o pai de cara erguida para ele, e sorriram ambos, cúmplices.

Os homens revolveram os quatro cantos da casa. Pareciam zangados porque não encontravam o que queriam. Acabaram por desistir, pensando talvez que as informações que tinham eram erradas. Disseram ao pai que os acompanhasse. Ele abraçou a mãe na despedida e pediu-lhe que tivesse coragem. Abraçou depois o Luís e beijou-o.

O Luís sentiu que o pai beijava nas suas faces a bandeira escondida que ele tinha salvo, e abraçou-o também. Com força! Desejou ter braços largos que fossem uma bandeira grande, grande, para o cobrir.

O pai saiu acompanhado por aqueles homens estranhos, antipáticos.

No meio da casa em desordem, a mãe e o Luís ficaram sozinhos, tristes. Mas por pouco tempo. Porque o endiabrado Luís, com um largo sorriso na cara em lágrimas, disse à mãe:

— Mãezinha, não chore. A nossa bandeira ficou cá! E mesmo que a levassem, podíamos fazer outra igual!



Histórias sem Pais
para Acontecer



biblioteca

bibRIA

História sem País
para Acontecer

bibRIA

bibRIA

Imaginem, o mundo das fadas está dentro de um Livro tão grande que nele cabe o mundo da gente. Aqui mora também o gigante Mor-cão, conhecido por este e por outros nomes. São os nomes que damos às brincadeiras que nos divertem: o gigante é Coca, Homem do Saco, Polícia, Cigana, Bruxa...

De facto, aqui andamos todos com vontade de brincar e, portanto, a brincar lhe mudamos o nome, mas tanta confusão deixa algumas crianças a tremer de medo. Porque terão as crianças tanto medo?!

Elas, coitadas, ouvem dizer que o gigante Mor-cão castiga quantas veja distraídas nas histórias que conta. De que maneira as castiga? Fazendo-as entrar para dentro da sua grande boca, uma boca negra que ele tem sempre aberta num grande riso.

O Mor-cão não come crianças do mundo da gente. Que horror, era o que faltava! Ele mora longe, no mundo das fadas, que está dentro de um Livro tão grande que tudo lá cabe. Porque o que o gigante quer é brincar, mais nada. Mas quando ele vai para castigar quem veja distraído na roda das crianças que o escutam, acontece isto: sai de dentro da sua grande boca negra o negro da noite, o negro espalha-se em volta como um fumo preto e os pais obrigam logo as crianças



a irem dormir para as suas camas — e acaba-se o divertimento!

O maior prazer do gigante é este, contar as histórias que vai inventando, sempre com os miúdos divertidos em volta. Ele é muito simpático e amigo, só não tolera distrações. Temos que lhe prestar atenção, pois de contrário o Mor-cão ofende-se.

Mas querem ver? Quando ele próprio faz um disparate, apenas se ri, pede desculpa e — vejam só — não há ninguém que o castigue!

E agora digam se não vale a pena ser grande no mundo das fadas...

— A história que vou contar aconteceu num país que fica... ora deixa cá ver... que fica... aqui! — começa o gigante contador de histórias. Mas esquece-se de que é gigante e, com o seu dedo gigantesco, em vez de apontar o país, fura o mundo das fadas de lado a lado, fazendo-o rebentar como uma bola de sabão solta no ar.

— E agora que não há mundo, onde vai acontecer a história? — perguntam-lhe as crianças, divertidíssimas. Já sabem que o Mor-cão é um desastrado e querem vê-lo aflito.

— Lá se foi o país que estava a nascer! — troçam outras.

O gigante não desiste de contar a sua história, portanto tem que dizer onde ela se passa. É o que as crianças exigem. Portanto, obriga-se a dizer:

— Preciso de fazer nascer outro mundo!

Arranja-o imediatamente, com esta habilidade:



sopra um pouco numa certa direcção com a sua grande boca e um globo começa a nascer diante dos olhos de todos. Quando esse mundo está de bom tamanho, o gigante recomeça:

— A história que vou contar, atenção, aconteceu num país que fica... aqui!

Mas esquece-se outra vez de que tem força e tamanho em demasia e, com o dedo gigantesco, fura o balão de lado a lado. Parece um elefante a mexer em loiça de vidro fino!

— E vão dois — conta a assistência, rindo às gargalhadas, já a prever mais desastres.

— Preciso de outro mundo!

— Então por que esperas?

Nesta altura, não se vêem apenas crianças em roda do contador de histórias. Agora também há gente crescida a ouvi-lo, talvez porque o gigante teima em dizer que as suas histórias servem para crianças de todas as idades.

— E vão três! — exclama a assistência quando o dedo gigantesco avança para o mundo onde está o país da história a querer nascer e logo o rebenta como se fosse uma bolinha de sabão.

O gigante fica embaraçado e sem jeito. Rompe quatro, cinco, seis mundos com imensa falta de pontaria... ou de tacto? Atrapalha-se cada vez mais porque os risos da assistência já o enervam. Apetece-lhe



varrer tudo com a sua força, mas acalma-se, respira fundo e anuncia:

— Pronto, desisto!

— Oh! — admira-se uma pessoa.

— Oh! — lamenta-se outra.

— Vocês conseguem acreditar numa história que não tem lugar para acontecer? — pergunta o Mor-cão.

— Sim, sim! — respondem os ouvintes, impacientes, porque o que mais querem é divertir-se.

— Então a história fica sem país para acontecer... Pronto, será a história da minha vida!

Todos se calam, preparando-se para ouvir cheios de expectativa. A novidade era grande: pela primeira vez, o gigante ia contar a sua vida!

E o Mor-cão, sentado no meio da roda, conta como ele sabe esta história acontecida sem lugar para acontecer.



Um dia, era eu filho pequeno, perguntei a meu pai:

— Porque não nascem ensinadas as crianças?

— Ora, porquê?! — admirou-se meu pai.

Nunca ele teria pensado em tal assunto nos dias da sua vida, portanto... como poderia eu pensar melhor? Mas eu tornei:

— Se as crianças nascessem já ensinadas, não precisavam de estudar tanto para aprender...

— Qual a vantagem? Não ir à escola? — quis ele saber, agora mais curioso, a olhar com atenção para



bibRIA

o seu rebento. Já estava a ver-me como um fenómeno. Um garoto descobria cada coisa! De onde me teria vindo tal ideia?

— Todas as crianças ficavam com o tempo livre...

— Tempo livre para quê? — insistiu meu pai, absolutamente convencido de que ele próprio não seria capaz de inventar a resposta. De facto, nunca uma ideia daquelas poderia alguma vez sair da sua pobre cabeça!

— Às vezes, pai, queixas-te de que não tiveste infância. Ora, se ao nascermos não tivermos que aprender tanto, teremos todo o tempo para sermos crianças — respondi-lhe.

— Nunca tal coisa se viu!

— Qual quê! É o que mais se vê. Olha só: as árvores não precisam de aprender para crescerem, o vento não precisa de aprender para soprar e eu não precisei de aprender para começar a mamar, a chorar e a berrar.

— Mas uma pessoa tem que aprender a ser pessoa...

— Os pássaros não precisam de aprender a voar para saírem do ninho, então não? E sabem defender-se, como os peixes e os pássaros que de longe emigram para locais que ninguém lhes ensina.

— Qual é a tua ideia?

— As crianças nasciam e, à medida que os anos passassem, saberiam caminhar, comer, falar, pentear-se, fazer contas, ler, escrever, nadar, andar em skate ou em bicicleta como mandam as regras de trânsito, enfim, essas coisas todas, mas sem terem de aprender nada disso, como as árvores que sabem que vem aí o Inverno e se despem de folhas, e sabem que vem aí a Primavera e fazem crescer novas folhas, e sabem que há água além e deitam as suas raízes a crescer para esse lado, e sabem curar-se de um golpe de navalha que lhes façam no tronco...

O pai, como visto, só disse:

— Caramba, meu filho, falas como um doutor!

Limpou uma lagrimazinha no canto do olho e acrescentou:

— Sabes mais do que eu? Pois vou-te levar para um sítio inteligente como tu.

Dito isto, meu pai conduziu-me a um centro de viagens especiais.



Não fui lá muito bem recebido. Deram-me pouca atenção, talvez a pensar que a opinião de um pai sobre um filho não merece grande confiança. Porém, eu gostava de aproveitar todas as ocasiões para me desenvolver ao máximo.

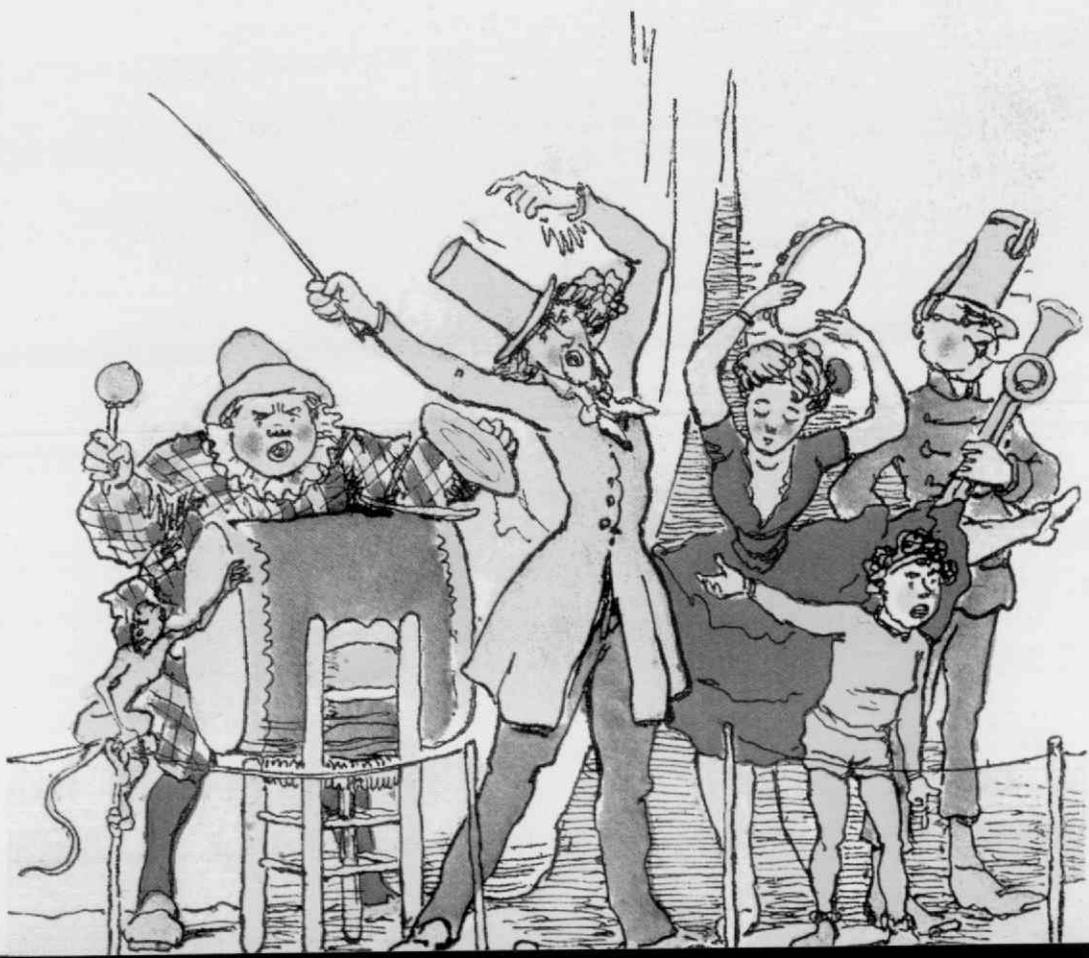
No centro, punham-me simplesmente diante de um biombo de pano muito liso, de seda cor de carne. Ninguém me explicou nada e eu nada perguntei. Percebi o que tinha de fazer em tal situação: olhar para o biombo (ou através do biombo?) e ver o que se passava.

Pessoas muito inteligentes deviam estar a pôr-me à prova, pensei. Para verem se eu aprendia para crescer. Para crescer tanto ou mais do que essas pessoas inteligentes.

No entanto, aparentemente, nada acontecia. Em torno do biombo imóvel tudo permanecia calmo e quieto, apenas pela rotação da luz se notava a sucessão dos dias.

Comecei a sentir que meu pai e tudo o que eu conhecia ficava para trás, à distância, e que, se quisesse, eu podia ou devia furar aquela fina membrana, passando para o outro lado do pano de seda que me parecia cada vez mais feito de papel.

Muitas pessoas, com certeza, vivem à superfície e sempre do mesmo lado. Talvez até julguem que só

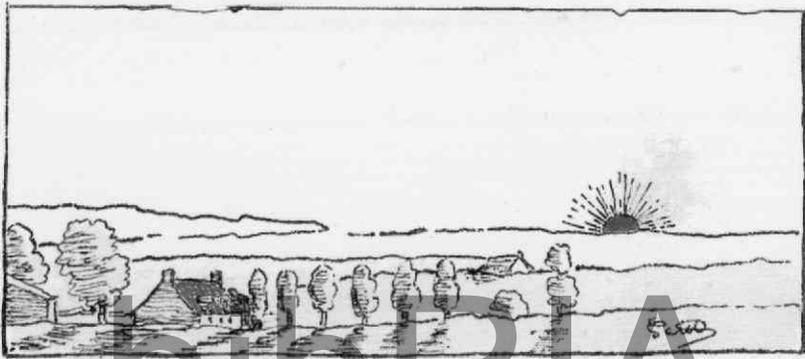


existe aquele lado e mais nenhum! Outras, mal se aproximam, espreitam um pouco por cima ou através do biombo e desistem logo porque não gostam de viagens «paradas». Todavia, eu concluía que todas as viagens verdadeiras são paradas relativamente a qualquer coisa. Se vamos de comboio, paramos no nosso lugar, dentro do comboio, até chegarmos ao destino. Se viajo através deste livro, não saio do lugar onde estou durante a leitura.

Diante do biombo, não. A pessoa tem que saltar para o outro lado e de caminhar sem pernas, apenas com a sua cabeça. Porque as viagens, em geral, fazem mover algumas partes do corpo, não a pessoa toda. Quem está diante de um televisor, por exemplo, detém-se para ver o programa da viagem quando quer viajar no programa.

O biombo era uma espécie de Livro que eu estava a ler muito bem.

O tempo passou e assim me tornei gigante. Cresci tanto no centro de viagens especiais que, sem poder caber em mais lado nenhum, tive que vir morar para o mundo das fadas, que está dentro de um Livro tão grande que nele cabe o mundo da gente. E aqui estou à espera da companhia de todos os gigantes novos que queiram aparecer, trazendo-me o gosto da sua companhia!



DIDRIA

bibRIA

ÍNDICE

	pág.
A bandeira escondida	7
História sem país para acontecer	24

bibRIA

bibRIA

A Bandeira Escondida
82-93 MOT e.3

016996



Colecção *Tapete voador*

Esta colecção da Campo das Letras Editores é constituída por cinco volumes com ficções de autoria de Arsénio Mota e ilustrações originais, a cores, assinadas por artistas consagrados:

1. *A Corte na Aldeia*
Ilustrações de *Armanda Passos*
2. *O Segredo da Rocha*
Ilustrações de *Emerenciano*
3. *A Bandeira Escondida*
Ilustrações coligidas por *Fernando Lanhas*
4. *O Mistério da Floresta Mágica*
Ilustrações de *António Modesto*
5. *A Ilha das Bocas Abertas*
Ilustrações de *Carlos Carreiro*

Cada volume é autónomo, mas os cinco integram um artístico estojo. Peça a colecção nas livrarias ou na editora.

Campo das Letras Editores
Rua D. Manuel II, 33 - 5º
4050 Porto

Nº de Registo:	<u>26996</u>	
Data Entrada:	<u>3/1/2001</u>	
Cota:	<u>82-93787</u>	
M.F.N.:	<u>2721</u>	





Amigos:

Concordem comigo: um livro é uma coisa maravilhosa. Porquê? Porque ao lê-lo começamos logo a viajar, a conhecer gente, a correr mundo.

Abrimo-lo, e começa a aventura!

Eu comparo o Livro a um tapete voador, dos antigos, daqueles que eram mágicos: sentamo-nos em cima de um (quer dizer, entramos na leitura) e a viagem principia...

Cada viagem faz-nos sonhar.

Quem não gosta de sonhar e de ir pelo mundo fora?

O Livro é um brinquedo formidável!

Por isso proponho ao papá e à mamã, ao avozinho e à avozinha, ao padrinho e à madrinha isto que é fácil e é gostoso: puxem a criança para a vossa beira, coloquem-na quase à vossa altura (por exemplo, sentando-a no joelho) e leiam-lhe uma história. Se for preciso, expliquem-lhe o que for explicável.

Haverá para os grandes coisas maiores do que as coisas dos pequenos?

Assírio Mata

ISBN 972-610-029-1



9789726100294

A Bandeira Escondida
82-93 MOT e.3

016996

